

Rachel Soihet*
Universidade Federal Fluminense

Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários

Resumo: Nos anos 1960, em meio à rebelião contracultural, acompanhada pela luta dos negros norte-americanos em busca dos direitos civis e pelos protestos contra a guerra do Vietnã, emerge a rebelião das mulheres. Irrompe uma nova vaga feminista nos Estados Unidos e na Europa, a qual também se manifestou vivamente no Brasil. Apontavam tais mulheres como uma mistificação a separação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político, insistindo sobre o caráter estrutural da dominação, expresso nas relações da vida cotidiana. Dominação cujo caráter sistemático apresentava-se obscurecido, como se fosse produto de situações pessoais. No momento, o Brasil via-se acossado pela ditadura militar, destacando-se o empenho de alguns, inspirados nos ideais da contracultura, em opor-se ao regime, combatendo o autoritarismo e promovendo a crítica de costumes. A ridicularização era a sua arma, ressaltando-se, nesse particular, os membros do jornal O Pasquim. Paradoxalmente, porém, a mordacidade de muitos de seus articulistas voltou-se, igualmente, contra as mulheres que lutavam por direitos ou que assumiam atitudes consideradas inadequadas ao modelo tradicional de feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Ridicularizavam as militantes, utilizando-se dos rótulos de "masculinizadas, feias, despeitadas", quando não de "depravadas, promíscuas", no que conseguiam tais articulistas grande repercussão. Depreende-se dessa conduta o temor da perda do predomínio masculino nas relações de poder entre os gêneros, no que evidenciavam forte conservadorismo, contrastante com a atitude vista como libertária de alguns desses elementos em outras situações.

Palavras-chave: feminismo, relações de gênero, pessoal/político, zombaria, conservadorismo.

Copyright © 2005 by Revista Estudos Feministas

* Colaboraram nesta pesquisa as bolsistas Sabrina Machado Campos, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e Flávia Copio Esteves, do CNPq.

Os estudos sobre zombaria são tributários daqueles do riso e, nesse particular, destaca-se a contribuição de Mikhail Bakhtin. Em sua obra, inspirada em Rabelais, Bakhtin enfatiza a significação positiva, regeneradora, criadora do riso, já presente em teorias de filósofos da Antiguidade, e que culmina na Idade Média e no Renascimento com seu caráter utópico dirigido contra toda forma de hierarquização social. Somente a partir do advento da sociedade burguesa é que o cômico tornar-se-ia uma arma

ideológica, e o caráter moralizante e hierarquizante a característica definidora da sátira moderna, burguesa, diferenciando-a da medieval e renascentista.¹

¹ BAKHTIN, 1987.

Por outro lado, Quentin Skinner, em estudo recente, que busca mostrar as conexões entre as concepções filosóficas de Hobbes e a cultura humanista da Renascença, igualmente, remontando à Antigüidade, ressalta como um dos aspectos da teoria do discurso persuasivo a crença na utilização do riso como uma arma potente em debates legais e políticos. E o aspecto que ele realça, em uma perspectiva diversa daquela de Bakhtin, é aquele do constrangimento, citando Quintiliano no seu *Institutio*, oratória que propõe lançar-se mão do riso para a destruição dos adversários dialéticos:

[...] podemos ser bem-sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado.²

² SKINNER, 2002, p. 9.

Detém-se Skinner nas referências de Aristóteles sobre a zombaria como “um insulto gracioso [...] degradação do outro por diversão”, do que conclui que a sugestão de Aristóteles é a de que a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo, e de que entre as origens do prazer estão “as ações, os ditos e as pessoas ridículas”.³

³ SKINNER, 2002, p. 16 e 17.

Esse aspecto merecerá espaço preferencial nessa abordagem, já que a utilização da zombaria, ridicularizando-se as mulheres, como freio para os possíveis desequilíbrios de poder entre os sexos constitui-se em algo habitual, perdendo-se na sua longa duração. Já na Grécia Antiga, tais formas de expressão manifestavam-se, das quais uma das mais conhecidas revela-se na obra de Aristófanes, mais precisamente na comédia *Assembléia de mulheres*, em que a mensagem veiculada é a de que a participação política das mulheres só podia constituir-se em objeto de riso e característica infamante para os homens. Dentre os mais famosos exemplos daqueles que seguem essa trilha, no século XVII, temos Molière com suas *Preciosas ridículas*, zombando das mulheres, na sua concepção, pretensamente intelectualizadas. A Revolução Francesa, cujo grande mérito constituiu-se na sua contribuição ao reconhecimento dos Direitos dos Homens, contraditoriamente, representou para as mulheres um retrocesso nos diversos níveis de participação. Apesar do papel relevante que estas desempenharam no movimento, quando da institucionalização das mudanças advindas, as mulheres são excluídas da cidadania política e civil,

recorrendo-se à natureza como justificativa, acerca do caráter diverso de ocupação que se impunha aos dois gêneros. Afinal, homens e mulheres apresentavam uma fisiologia diferente, o que se configurava como indicativo dessa decisão. Concretizando tais formulações, o deputado Chaumette opõe-se à participação de representação feminina na Assembléia apelando para tais diferenças, em que se percebe a utilização da ironia, com vistas a ridicularizar tais pretensões das mulheres.⁴

⁴ Utilizo ironia como tropo literário que empresta ao discurso um caráter satírico, segundo Hayden WHITE, 1994, p. 31-32.

⁵ A quem a natureza confiou os cuidados domésticos? Por acaso a nós? Deu-nos seios? Enfraqueceu nossos músculos para nos tornar próprios aos cuidados do lar? (Eleni VARIKAS, s/d, p. 4).

Est-ce à nous? Nous a-t-elle donner des mamelles? A-t-elle assoupi nos muscles pour nous rendre propres aux soins de la hutte, du ménage?⁵

No século XIX, ainda na França, não há como deixar de mencionar Honoré Daumier, célebre caricaturista, radical republicano e fervoroso antifeminista. Nos moldes do anarquista Proudhon, manifesta uma reação irracional à participação das mulheres fora do ambiente doméstico, assunto em que republicanos, monarquistas e até socialistas convergiam, dado revelador de que as contradições de gênero atravessavam as diversas colorações políticas e de classe. Tal postura de Daumier pode ser avaliada em sua obra, nas três séries: *Les Bas-Bleus* (1844), relativa às mulheres intelectuais, particularmente, as literatas; *Les Femmes Socialistes* (1844), referindo-se às militantes e *Les Divorceuses*, com vistas às mulheres que defendiam o divórcio.

Nessas obras, Daumier mostra-se crítico mordaz das mulheres com pretensões a qualquer tipo de atividade pública, ou não tradicionalmente feminina, que, na sua opinião, negligenciavam seus deveres domésticos e maternais. Atacava as feministas, “mulheres que não querem resignar-se a ser mulheres”, tornando-as alvo do riso satírico.⁶ As feministas, as literatas e todas aquelas que fugiam ao estereótipo feminino tradicional são apresentadas, contraditoriamente, como feias, supremo pecado da mulher, masculinizadas, grosseiras e algozes dos maridos.

Esses exemplos da utilização dos discursos cômicos e/ou da palavra espirituosa como arma, a fim de manter a inferioridade feminina, possibilitam um contato com a luta empreendida na construção dos papéis de gênero, observando-se o obstinado recomeçar dos combates, os avanços e recuos, as incômodas semelhanças e as promissoras diferenças em relação ao passado.⁷ Na verdade, tenho enveredado por esta senda, a partir da segunda metade do século XIX, mais precisamente, no período que se estende entre 1870 e os anos 1930. No presente texto, procurarei investigar o período

⁶ DAUMIER, s/d, p. 22; e Janis BERGMAN-CARTORI, 1990.

⁷ Philippe ARIÈS, 1998, p. 153-176.

correspondente ao final dos anos 1960 até os anos 1980, focalizando, especialmente, o Rio de Janeiro.

Esse momento tem como marca a efervescência e a forte reação contra a ordem e a moral tradicional. Nos anos 1960, em meio à prosperidade do pós-guerra, em plena guerra fria, reage parte significativa da juventude contra a repressão e o controle ostensivo de que se considerava refém. A desilusão com os valores do mundo capitalista, mas também com os daquele que se dizia socialista, era a marca para a qual, especialmente no Ocidente, muito contribuíram as idéias de Herbert Marcuse, cujas obras, entre elas, *Eros e Civilização*, tornaram-se emblemáticas. E, assim, toma vulto a marcha em prol de um mundo novo, de uma utopia que, iniciada nos Estados Unidos, posteriormente estourou com intensidade em outras partes do mundo, como a França e a Alemanha, mas que também na América Latina e na porção do "socialismo real" esteve presente. É o sonho libertário que se busca, através de uma nova concepção de política e de cultura que concilie justiça social e liberdade, arte e vida. Em suma, emerge a célebre rebelião contracultural dos anos 1960, propondo toda uma série de mudanças no plano da criação literária, artística, do comportamento individual e da atuação política, descendente em linha direta da *beat generation* dos anos 1950, com Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs à frente. Na esteira dessa rebelião, em meio à luta dos negros norte-americanos em busca dos direitos civis e aos protestos contra a guerra do Vietnã, uma outra emerge, qual seja, a rebelião das mulheres. Assim, irrompe uma nova vaga feminista nos Estados Unidos e na Europa, a qual também se manifestou vivamente no Brasil. No momento, o país via-se acossado pela ditadura militar que assumiu o poder, após o golpe de 1964. Dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em opor-se a ele, através da ridicularização, como, por exemplo, o jornal alternativo *O Pasquim*, publicado semanalmente naqueles "anos de chumbo".⁸ Boa parte de seus membros, inspirada na contracultura norte-americana, afastava-se do dogmatismo de muitos marxistas, caracterizando uma pluralidade ideológica suprapartidária, voltando-se para o combate ao autoritarismo e à crítica de costumes.

⁸ O primeiro número d' *O Pasquim* data de 26 de junho de 1969.

Paradoxalmente, porém, comprometeram seu propósito libertário, ao assumir uma postura misógina, voltando sua mordacidade, igualmente, para as mulheres que se decidiram pela luta com vistas a atingir direitos e/ou que no seu cotidiano assumiam atitudes consideradas como inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Estas, por sua vez, em muito

⁹ VARIKAS, 1997.

lembrando reflexões de Virginia Woolf, denunciavam como uma mistificação a separação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político, insistindo sobre o caráter estrutural da dominação, expresso nas relações da vida cotidiana, cujo caráter sistemático apresentava-se obscurecido, como se fosse produto de situações pessoais.⁹ Articuladas a esse clamor, estavam as manifestações contrárias à permanência de padrões patriarcais na organização da família, além das exigências que reforçavam estereótipos para as mulheres, como maternidade compulsória, modelos de beleza, delicadeza etc. Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo e de sua sexualidade, bem como superar a tradicional concepção da mulher-mãe. Nesse sentido, enfatizavam a questão da mulher sexualizada, ressaltando a questão do aborto e da contracepção. Igualmente, tem lugar uma forte movimentação combatendo a violência contra mulheres espancadas e ameaçadas de morte. A luta contra *a legítima defesa da honra* mobilizaria mulheres em todo o Brasil em passeatas e comícios às portas de Tribunais de Justiça.¹⁰

¹⁰ Suely Gomes COSTA, 2003, p. 20.

Contra essas mulheres, as temidas "feministas", lançavam seus dardos inúmeros articulistas de *O Pasquim*. Antigos estereótipos são restaurados, entre outros, a feiúra, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a incoerência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulavam papéis considerados privativos dos homens. Não poucas matérias registram tais 'qualidades' das feministas, o que aproxima os libertários desse jornal do momento da contracultura dos misóginos de outras épocas. Na verdade, lançar o descrédito sobre aquelas que ousavam ameaçar a ordem tradicional dos gêneros era o objetivo de sempre. Isso porque, segundo Virginia Woolf,

As mulheres durante séculos serviram de espelho para os homens, elas possuíam o poder mágico e delicioso de refletir uma imagem de homem duas vezes maior do que a da natureza. Eis porque os homens buscavam assegurar a inferioridade das mulheres, pois se elas não fossem inferiores, cessariam de ser espelhos de aumento.¹¹

¹¹ WOOLF, 1985, p. 48.

As imagens de radicalismo, agressividade, masculinidade atribuídas a tais mulheres podem ser apreciadas através de uma matéria noticiada pelo *O Pasquim* sobre a invasão pelas feministas do gabinete do editor da revista *Ladie's Home Journal*

¹² Pedro Ferreti. "Podem vir". *O Pasquim*, n. 42, p. 30, 14 a 17 abr. 1970.

para protestar contra a imagem cri-cri que a publicação projeta da mulher americana. Fumaram charutos do cara, puseram os pés em cima da mesa dele, disseram-lhe toda a espécie de desaforos, exigiram uma edição especial sobre o orgasmo, etc. etc. etc. usaram o banheiro dos homens...¹²

Seguia-se uma observação jocosa, reiterando a concepção tradicional, masculina, que nada tinha de inovadora, acerca do tipo de mulheres – belas e bem torneadas – que teria boa acolhida naquele jornal:

Olha aqui, a gente aqui d'O Pasquim é toda pelo feminismo, desde que seus representantes sejam do nível de Tânia Caldas ou Marina Montini. O Tarso já está mandando alargar o nosso banheiro, acrescentando-lhe toda espécie de comodidades. Podem vir a qualquer hora. Welcome!

Outro membro do periódico em foco, de destacada sensibilidade quanto a questões de classe e destemido opositor do autoritarismo, com relação às feministas não escondia seu conservadorismo.

Em 1972, a mulher vai usar cabelos compridos, soltos ou permanentes. Vai usar bolsas enormes, sandálias presas no dedo, pantalonas em cores berrantes, colares psicodélicos, pulseiras e anéis!

Em 1972, a mulher vai usar camisas (camisolas?) bem largas, transparentes, rendadas ou floridas. Pintará as unhas e na cintura levará cintos enormes de couro maravilhosos!

No frio usará mantôs longos e botas macas. No verão camisetas leves de malhas colantes (sem sutiã).

Tudo isto porque, em 1972, a mulher conseguirá realizar um velho sonho seu: ser igual ao homem!¹³

¹³ Henfil. "Previsão mulher". *O Pasquim*, n. 132, p. 20, 11 a 17 jan. 1972.

Demonstrava, dessa forma, acreditar, em uma perspectiva essencialista, do que significava ser homem e mulher, num momento de intensos debates e da conclusão acerca da conotação cultural das características e papéis atribuídos aos dois sexos. Não à toa, nesse momento de questionamentos próprio da contracultura, homens e mulheres tendiam a um estilo de vestuário intercambiável no que diz respeito às características dadas como masculinas e/ou femininas.

E matérias se sucedem, buscando acentuar, de forma das mais desrespeitosas, que papéis mais se adequavam às mulheres...

Em Connecticut, nos EUA, as licenças de cachorro têm a forma de um hidrante. Organizações feministas prontamente protestaram contra a discriminação sofrida pelas cadelas. *Depois as mulheres se queixam quando*

¹⁴ Ivan Lessa. "Cadelas, uni-vos!". *O Pasquim*, n. 345, p. 31, 6 a 12 fev. 1976.

*a gente manda elas pro tanque, pra cozinha, pra cama, esses lugares enfim onde são mais úteis, chateiam menos e podem usar melhor a cabeça*¹⁴ (os grifos são nossos).

Esse mesmo articulista, em período anterior, comenta um festival de filmes dirigidos por mulheres ocorrido em Londres, em que demonstra o preconceito contra as mulheres intelectualizadas, marcando sua crônica com uma conotação ofensiva com relação a algumas delas, valendo-se de referências ligadas à sexualidade, mas de forma indelicada. Uma das diretoras, Susan Sontag, na sua opinião, "lembra uma daquelas moças do Norte, vagamente lésbicas, que a gente vivia encontrando nas 'vernissages' loucas pra darem pra alguém 'artístico'". Outra, a conhecida literata Marguerite Duras, "parece uma dessas senhoras dedicadas à perversão das crianças pelo teatro infantil, escrevendo peças com títulos feito 'A formiguinha que foi à lua', 'O coelhinho que dava', etc."¹⁵

¹⁵ Ivan Lessa. "De Londres: festival de filmes femininos". *O Pasquim*, n. 26, p. 14, 18 a 24 dez. 1969.

¹⁶ Ivan Lessa. "Questão de prioridades". *O Pasquim*, n. 345, p. 31, 6 a 12 fev. 1976.

Ainda, em outra ocasião, destaca: "Ei, feministas: em primeiro lugar os direitos humanos. Depois, então, a gente vê o caso de vocês, tá?".¹⁶ No que deixa claro uma das razões de sua intolerância para com as feministas, deixando entrever sua filiação a idéias da esquerda tradicional; ou seja, de que, resolvida a problemática da desigualdade de classes, outras contradições seriam enfrentadas no seu devido tempo, fato que não se comprovou historicamente, analisando-se a trajetória do "socialismo real".

Ao comentar uma série de reportagens que a revista *Realidade* vinha fazendo sobre o que as mulheres pensavam do homem brasileiro, Millôr Fernandes, um dos principais membros de *O Pasquim*, refere-se às feministas de uma forma grosseira, identificando o seu anseio de emancipação com o desejo de uma simples promiscuidade sexual: "por serem emancipadas e se terem dado assombrosamente bem na emancipação, elas resolveram que não bastava só deitar com quem bem entendeu (pois o que se chama emancipação é, em geral, deitar com quem bem entender) e resolveram também deitar filosofia".¹⁷

¹⁷ Millôr Fernandes. "Barbarelas". *O Pasquim*, n. 27, p. 2, 25 a 31 dez. 1969.

Simplificava, assim, o destacado intelectual uma das questões mais complexas para as mulheres na época. Estas eram formadas em uma cultura na qual mulheres não poderiam dispor livremente de sua sexualidade. Manter-se virgem enquanto solteira e fiel quando casada era sinônimo de honra feminina; a qual se estendia a toda família, constituindo-se em um conceito sexualmente localizado, violência que se tornou fonte de múltiplas outras violências.

Enquanto aos homens estimulava-se o livre exercício da sexualidade, símbolo de virilidade, na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza. Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração e, no caso de uma relação ilegítima, não se sentiam os homens responsabilizados por sua atuação, devendo àquelas arcar com o peso das conseqüências do seu 'erro'. Afinal, 'pureza' era fundamental para a mulher, constituindo-se o desconhecimento do corpo em signo de alto valor, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era exemplar para as mulheres. E, assim, mulheres abandonadas expunham suas vidas em práticas abortivas toscas e apressadas, chegando mesmo algumas poucas a se desfazer do recém-nascido nas situações mais trágicas. Transformavam-se em monstros, numa cultura alimentada pelo estereótipo do amor de mãe como instintivo, "porquanto as feras indomáveis, essas mesmas com a sua asperidade têm amor". Outras que arriscaram viver sua sexualidade fora do casamento foram assassinadas em nome da "legítima defesa da honra".¹⁸

¹⁸ Rachel SOIHET, 1989, p. 338.

Deparam-se essas mulheres com uma série de transformações, em tempos de contracultura, com destaque para os filmes da *Nouvelle vague* de Bergman, Goddard, Truffaut, Antonioni, em que as heroínas decidiam o seu destino, sem esquecer nos anos 1960 a descoberta da pílula anticoncepcional. Especialmente, aquelas que freqüentavam certos meios – universitários e artísticos – passam a considerar o "deixar de ser virgem" como um rito de passagem para uma etapa superior. Como bem expressa Annete Goldberg, esse era um símbolo de vanguarda e as mulheres que o ousassem garantiriam seu acesso a um novo grupo, relacionando-se sexualmente com seus namorados ou variando de parceiros, assumindo-se como "liberadas".¹⁹

¹⁹ GOLDBERG, 1987, p. 22- 24.

Este foi, porém, um passo extremamente doloroso para a maioria. Vergonha, medo, culpa foram alguns dos sentimentos que nelas se manifestaram. Fato compreensível, diante dos valores que lhes eram passados, através da educação, ao que se acresciam as leituras da adolescência, com destaque para as fotonovelas do Grande Hotel e os romances de M. Delly. Neles, os perfis femininos e masculinos positivados irão se caracterizar pelo contraste, ou seja, mulheres frágeis, delicadas, puras e homens orgulhosos, fortes e dominadores. O binômio amor/casamento caracterizaria a relação homem/mulher, da qual o erotismo encontrava-se ausente ou camuflado.²⁰

²⁰ Rosane Manhães PRADO, 1981, p. 24.

Portanto, a decisão de assumir a sexualidade se constituiu em algo demolidor para as mulheres, o que não

²¹ Millôr Fernandes. "Barbarelas". *O Pasquim*, n. 27, p. 2, 25 a 31 dez. 1969.

²² Millôr Fernandes. "Ói, ô lib". *O Pasquim*, n. 135, p. 22, 2 a 9 fev. 1972.

²³ Françoise Parturier lembra nesse particular o Dr. Guillois, que em 1904, no *Étude medico-psychologique sur Olympe de Gouges*, concluía que as mulheres que participaram da Revolução Francesa eram históricas (DAUMIER, s/d, p. 20; Cesare LOMBROSO e Guglielmo FERRERO, 1896).

²⁴ Introdução à seção "Gente Nova". *O Pasquim*, p. 24, 11 a 17 dez. 1969.

²⁵ *O Pasquim*, p. 12, 19 a 25 mar. 1970.

²⁶ Jaguar. "Querem mesmo". *O Pasquim*, n. 205, p. 26, 5 a 11 jun. 1973.

sensibilizou Millôr, que não perdia qualquer oportunidade para fustigá-las.²¹ Inclusive, transcrevendo trecho de uma entrevista do cineasta Roman Polanski, em que este afirma: "Causa uma tremenda indignação dizer que as mulheres, em média, são menos inteligentes do que os homens, mas acontece que isso é verdade".²²

Enfim, a mulher que pensa, que fala, que escreve, a mulher que reclama, que se revolta é frustrada, feia e altamente perigosa. Realidade que há não longo tempo era endossada pelos médicos. Para a maioria deles, as mulheres normais eram pouco inteligentes e houve os que asseguraram que aquelas dotadas de forte inteligência e dotadas de erotismo intenso se revelavam extremamente perigosas, constituindo as criminosas natas. Eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres a que estaria subordinada toda a organização biológica e psicológica daquelas normais.²³

Em fins da década de 1960, como nos anos 1970, os libertários de *O Pasquim* voltam a se utilizar desses velhos argumentos, buscando através da zombaria o descrédito dos movimentos de mulheres em busca de uma cidadania plena, expressando, de forma similar aos misóginos que os antecederam, o pavor de uma mudança que ameaçasse a ordem tradicional dos gêneros. Ressuscitam velhos estereótipos, sem deixar de acentuar a obrigatoriedade da beleza para as mulheres, o que as dispensaria de outros atributos. Esse é o tom da matéria sobre a estréia de Mônica Hirst (também repórter do *Correio da Manhã*) como humorista n'O *Pasquim*, afirmando-se que "é muito bonitinha, de maneira que não precisava saber escrever".²⁴ Já uma entrevista com a atriz Tônia Carrero acrescia uma outra qualidade, embora aquela devesse estar presente, intitulado-se: "Beleza e inteligência são dois ingredientes que, salvo raríssimas exceções, exigimos para as mulheres entrevistadas pel'O Pasquim".²⁵ Em 1973, Jaguar afirmava que em matéria de reivindicação pelos direitos da mulher era muito mais a Brigitte Blair, atriz que se destacava por suas formas, que a escritora Rose Marie Muraro.²⁶ E o próprio Jaguar pergunta à jornalista Cidinha Campos se o "show" que estaria promovendo era em parceria com Heloneida Studart, Rose Marie Muraro e Betty Friedan. Ao que ela respondeu: "Betty Friedan não. As feias que me perdoem, mas beleza é essencial".

Outras mulheres entrevistadas assumiram, igualmente, discursos que garantiam a desigualdade entre os gêneros, referendando os preconceitos acerca das mulheres, particularmente de sua inteligência. Esse é o caso da argentina Ester Vilar, casada com um filósofo alemão,

que apresenta posições das mais misóginas, chegando a alcançar um tom caricatural. Ela acabara de publicar um livro que se tornou muito vendido, especialmente, pelos ataques que fazia às mulheres, numa época em que o feminismo encontrava-se no auge... Aliás, Millôr Fernandes, que não se caracterizava por poupar as feministas, na entrevista com a autora, referindo-se ao sucesso alcançado pelo livro, questiona-lhe se o mesmo não “teria sido fabricado, escrito com a intenção de fazer sucesso, e não com uma consciência profunda de que ele encerrasse uma verdade...”, tendo em vista as espantosas afirmações da autora nele contidas, dentre elas a de que o trabalho doméstico seria algo extremamente leve, no qual as mulheres consumiriam, no máximo, duas horas diárias, no caso de países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Como no Brasil as donas de casa não dispunham dos equipamentos daqueles países, esse trabalho seria feito em três horas. E o pior, na sua concepção, “é que a mulher não faz nada com o tempo livre que tem. Quando casa, deixa de pensar, não pensa mais. [...] É uma verdadeira parasita”.²⁷

²⁷ Entrevista com Esther Vilar. “Os homens querem ser escravos das mulheres”. *O Pasquim*, n. 248, p. 5-7, 2 a 8 abr. 1974.

Caberia às mulheres, segundo Ester Vilar, a culpa pela desigualdade de salários existente entre os dois sexos, já que elas “trabalham por uma pequena parte de sua vida, e depois deixarão de trabalhar”. Ao apaixonar-se, a primeira coisa decidida pela mulher é deixar de trabalhar, enquanto o homem em idêntica situação “trabalha mais do que trabalhava antes”, o que faz com que a escolha do patrão recaia sobre o homem, “porque sabe que ele será um escravo melhor para ele, para seu sistema, para sua firma”.

Millôr aproveita-se da cumplicidade da entrevistada, no tocante às críticas às aspirações das mulheres, para mencionar os supostos benefícios que as mulheres pretendiam auferir do sistema social, reivindicando não trabalhar três dias no mês sob o pretexto de sua menstruação, fato que representaria, no decorrer de trinta anos, três anos sem trabalhar. De imediato, ela o apoiou: “Os dias da menstruação já são um mito. Algumas mulheres sofrem na menstruação, eu sou médica, sei bem. Mas a maioria das mulheres não sofre tanto”.

Afirma Esther Vilar o desinteresse das mulheres por uma participação mais plena na sociedade, mesmo na Europa Ocidental, onde, ao contrário do que se imaginava, “não lêem a primeira página de um jornal, não discutem política”. E continua: “Uma vez casada não tem opinião própria, repete a opinião do marido. Não se interessa por política, no dia da eleição não sabe em que votar”.

Reclama da posição de poder alcançada pela mulher, da qual “não se pode falar”, já que “é a grande consumidora desse mundo”, do que resultaria o apoio a ela de todos os meios de comunicação e propaganda. Lamenta a exploração a que a mulher submete o homem que, ao casar-se, “paga a conta mais alta possível, porque paga pelo resto da vida”, chegando às raias da vulgaridade, ao afirmar o seguinte: “Quando vai com uma prostituta, é um amor baixo porque o preço é barato”.

Também a jornalista Adalgisa Nery, embora sem o tom caricatural presente na entrevista anterior, apresenta uma posição crítica quanto às aspirações de muitas mulheres. Indagada por Paulo Francis acerca do que pensava sobre “um dos problemas mais discutidos hoje no mundo [...] o problema do status da mulher na sociedade, a chamada emancipação da mulher”, responde Adalgisa: “eu sou contra feminista, acho horroroso feminista. Acho que a mulher é um complemento do homem”, arrematando que ambos formariam uma unidade. Nisso deixa entrever uma visão equivocada de feminismo, como se através deste se pretendesse uma “guerra dos sexos” e não garantir a equidade entre os mesmos com vista ao respeito mútuo e melhor convivência.

Mais adiante, dizia que liberdade para a mulher seria algo muito difícil. E, após um complicado jogo de palavras acerca da dificuldade de saber ser mulher, “porque ela tem que usar uma liberdade como afirmação da sua personalidade; sendo a personalidade muito ligada a vivência [...] pode ter experiência, mas experiência não é vivência”, concluía dizendo que ela própria nunca sentiu necessidade da liberdade. Ao que Paulo Francis lembrou a sua peculiaridade, uma vez que ela atuava como qualquer homem, tendo feito literatura, política e, também, constituído uma família. Desenvolvendo-se o debate da intelectual com outros membros daquele jornal, como Sérgio Cabral e Fausto Wolff, especialmente sobre o feminismo, ela sustenta a ignorância da burguesia brasileira e, particularmente, da mulher, incapaz de formar uma opinião sobre a leitura de um livro e, mesmo, de um jornal. Fato que lhe impedia de alcançar a emancipação, pois, “pra haver emancipação, pra que seja uma coisa objetiva, produtiva, precisa haver conhecimento, não ser ignorante”. Verifica-se nesse argumento uma atitude manifestada, via de regra, por seus companheiros de ofício, inclusive, da própria esquerda na época, que se viam acima da massa ignara, no caso em foco as mulheres, a quem se devia trazer as ‘luzes’ do conhecimento, livrando-as da ignorância em que estavam mergulhadas, com vista a possibilitar sua conscientização e libertação. Voltando à entrevista,

²⁸ Entrevista com Adalgisa Néri. *O Pasquim*, n. 88, p. 14 e 15, 11 a 17 mar. 1971.

²⁹ Nesse sentido, Roger Chartier acentua que definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal (CHARTIER, 1995, p. 42).

³⁰ Pedro Ferreti. “As mulheres”. *O Pasquim*, n. 28, p. 22, 1º jan. 1970.

³¹ Paulo Francis. “Entre a bronca e o buraco”. *O Pasquim*, p. 30, 29 jul. a 4 ago. 1971.

levanta-se o tema da homossexualidade feminina. Sendo perguntada sua opinião a respeito, ela, imediatamente, lança o anátema: “acho porco”.²⁸

Também aqui a intelectual mostra-se fortemente contrária à luta das mulheres pela emancipação, portanto, infensa às discussões, naquele momento acesas, sobre a questão da igualdade de gêneros. Assim, observa-se a concordância de uma mulher com representações que garantem a dominação masculina, que o historiador Roger Chartier chama de violência simbólica, ou seja, aquela que supõe a adesão pelos dominados das categorias que embasam sua dominação.²⁹ E, mais, assumindo uma posição das mais reacionárias quanto à sexualidade.

Aliás, sobre a sexualidade feminina, a desinformação grassa no jornal em foco. A passividade feminina na relação sexual é considerada como algo consagrado. Pedro Ferreti discutindo a questão pontifica: “Se a mulher quiser ser igual ao homem, ela que, basicamente é passiva no sexo, vai trocar de sexo. Não estou recriminando lésbicas. Estou tentando expor um fato psicológico e biológico”.³⁰ Igualmente, Paulo Francis, recorrendo a Freud, cita a conclusão deste acerca da anatomia como destino e ironiza uma entrevista com Simone de Beauvoir, na qual esta reafirma sua célebre reflexão de que “A mulher não nasce, mas se torna mulher. Nenhum fator biológico, psicológico ou econômico determina o papel desempenhado pela fêmea na sociedade; é a civilização, como um todo, que produz essa criatura, intermediária entre o macho e o eunuco, chamada feminina”. Tal citação serve de motivo para chacotas sobre a genialidade da referida intelectual, alegando Francis ter entendido Freud, apesar da sua concisão, o que não lhe ocorre quanto a Simone, pois considera que “há uma certa diferença entre homem e mulher, determinada por características independentes do que ela chama civilização”. A não ser que tenha passado seus quarenta anos vendo miragens, “enxergando coisas que os homens têm e as mulheres não e vice-versa”.³¹

Na verdade, a ignorância tão difundida com relação às mulheres apresenta-se, igualmente, em um intelectual de elevada erudição como Francis. Ou seja, no momento em foco, ele acreditava na estrita relação entre biologia e características masculinas/femininas, ignorando as discussões que se iniciavam com vista a quebrar os laços entre elas. Nesse momento, década de 1970, buscava-se acentuar as dimensões socioculturais das identidades sexuais, a fim de demonstrar que o gênero não era o efeito necessário do sexo. Observa-se que não apenas Francis, como também os demais personagens focalizados,

desconheciam ter dominado no pensamento filosófico e médico, até fins do século XVIII, segundo uns, e fins do XVI, segundo outros, a concepção acerca de semelhanças estruturais entre o corpo feminino e o masculino, ou seja, a unicidade dos sexos. Acreditava-se na homologia dos órgãos genitais, cuja diferença pensava-se residir apenas em estar oculto nas mulheres o que nos homens era aparente. Isso não significava, porém, que a indiferenciação sexual na ordem natural implicasse igualdade na ordem social. “Um sexo, portanto, mas dois gêneros assimétricos”, como bem resume Colette St. Hilaire.³² O reconhecimento das diferenças entre o corpo masculino e o feminino, identificando a especificidade do corpo feminino, deu lugar, porém, à redução das mulheres a sua função reprodutora, propiciando novas mazelas, de cuja crença eram tributários, também, os intelectuais acima focalizados. Agora, as novas diferenças reconhecidas nos genitais reforçavam a ‘certeza’ no caráter natural das ocupações diversas de cada sexo: esfera privada para as mulheres e pública para os homens. O corpo feminino é utilizado para negar toda possibilidade de comparação entre homens e mulheres, em termos de um critério comum de cidadania.³³

³² ST. HILAIRE, 2000, p. 89; e Rachel SOIHET, 1997, p. 9.

³³ Thomas LAQUEUR, 1990, p. 38.

Outra questão merecedora de farpas, de certa forma vinculada ao debatido acima acerca da redução das mulheres ao útero, dizia respeito à problemática da inteligência feminina, algo que aparece com frequência no jornal em foco. Assim, o próprio Francis revela de forma zombeteira uma descoberta, termo com que intitula sua matéria:

Sou candidato ao Nobel de biologia, este ano. É que descobri uma moça de 28 anos, bonita, normal, inteligente e que trabalha. E sabem o que mais? É virgem.³⁴

³⁴ Paulo Francis. “Descoberta”. *O Pasquim*, n. 213, p. 23, 31 jul. a 6 ago. 1973.

Ainda, o mesmo articulista disse da líder feminista Betty Friedan achá-la tão inteligente que nem parecia mulher. “Já Simone de Beauvoir parece mulher.”³⁵

³⁵ Paulo Francis. “Francis X Friedan”. *O Pasquim*, n. 94, p. 7, 22 a 28 abr. 1971.

Um recurso muito utilizado pelos componentes de *O Pasquim* era o das entrevistas, via de regra, com personagens do meio artístico e intelectual que, devidamente provocados, reiteravam as falas misóginas habituais naquele jornal. Erasmo Carlos, em sua entrevista afirmava não lhe agradar “mulher que tem a mania de ensinar a gente”. Para ele, “a mulher inteligente se finge de burra para que o homem sinta aquela superioridade natural”. Completava enfatizando que toda mulher devia estudar um pouco, embora não houvesse “necessidade da mulher ir pra faculdade se não vai exercer profissão,

inclusive, o que é muito importante, ela não ocuparia vaga dos que precisam". Aproveitava para argumentar que

A prova de que a mulher é inferior ao homem é que pra guerra é o homem que vai. Os grandes médicos, os políticos, jogador de futebol, tudo é homem. Quando a mulher está no escuro e ouve um barulhinho, ela pede pra ser abraçada. Se joga pro homem.

E, para finalizar, "a mulher não possui o homem ela é possuída, então ela é inferior", no que articulava duas das supostas características femininas: passividade sexual e menor inteligência, comprovação de sua inferioridade.³⁶

³⁶ Entrevista com Erasmo. *O Pasquim*, n. 28, p. 10, 1º jan. 1970.

Entrevistas desse teor eram estimuladas por nossos libertários e num rumo similar ocorre aquela com Jorge Ben, o qual, inquirido por Millôr Fernandes se achava que as mulheres deveriam ter exatamente os mesmos direitos dos homens, emite um parecer no qual referendava o senso comum. Contribuía, de forma pouco polida, aliás, para 'torpedear' uma das mais significativas demandas feministas, relativa ao caráter político presente nas relações pessoais, íntimas, caracterizadas pela desigualdade, as quais eram justificadas em nome da natureza diversa de mulheres e homens.

As mulheres não podem ter os mesmos direitos que os homens. É essencial que permaneçam mais ou menos no estágio em que estão. É a mulher, por exemplo, que tem de ser corno; o homem, não. É claro. Acabou aquela onda de que a mulher era a rainha da beleza e o homem rei dos animais. O homem é o homem e a mulher tem de ser a mulher dele. É impossível o homem ser fiel, nessa época atual. Fora de brincadeira: é uma beleza, não é? Agora é claro que a mulher tem de ser fiel. Você sabe, a mulher não gosta de homem certinho, não.³⁷

³⁷ Entrevista com Jorge Ben. *O Pasquim*, n. 14, p. 10, 25 set. 1969.

Do mesmo padrão era a entrevista com o cantor Waldick Soriano, que, perguntado sobre a lenda de que em cada cidade tinha um filho, respondia:

Minha filha, eu sou homem. Sou homem! E uma coisa muito bacana eu vou dizer agora: nenhuma esposa deve pensar que o marido fora de casa vai ser fiel a ela, entendeu? O homem tem sempre necessidade de procurar outra mulher, entende? E se a outra fica grávida, o homem não é culpado, entende? Nós somos assim: um servindo ao outro.³⁸

³⁸ Entrevista com Waldick Soriano. *O Pasquim*, n. 155, p. 7, 20 a 26 jun. 1972.

Por outro lado, Ruy Castro invectivava contra Raquel Welch, alegando que ela fazia parte

daquele time de mulheres que ainda não tiveram tempo de emancipar-se, porque passam o tempo todo falando

em emancipação e pregando contra a tendência masculina a transformar a mulher em “objeto”. E como só as mulheres feias tinham motivos para não se transformarem em “objetos”, ficava a dúvida: os médicos que desenharam as tetas de Raquel esqueceram-se de desenhar-lhe um Q.I. acima de zero.³⁹

³⁹ Ruy Castro. “Raquel é homem”. *O Pasquim*, n. 31, p. 10, 22 a 28 jan. 1970.

No que investia contra a sua capacidade intelectual, inclusive, por ela ter se recusado “a dar para os produtores, tendo ficado mortalmente chocada quando um astro de TV (seu ídolo de infância) passou-lhe uma violenta cantada”. Assim, as mulheres em *O Pasquim* ficavam à mercê dos misóginos de plantão que, sob o rótulo do “humorismo”, terminavam por ridicularizar as atitudes de mulheres que buscavam demarcar seus direitos. Aqueles, na verdade, com essas atitudes visavam reconstruir os estereótipos da subordinação e domesticidade feminina. Ainda, com relação à inteligência feminina, Flávio Moreira da Costa, numa crônica em que afirma ser feminista, embora estas se recusem a lhe conceder entrevistas por ser homem, relata sua conversa com uma das figuras de proa do movimento no Brasil, não perdendo a ocasião para fazer uma galhofa (“figura de proa” é ótimo, lembra chanchada da Atlântida). A referida feminista que ele não nomeia teria reconhecido “que escrevia mal, porque não se considerava ‘simplesmente’ uma escritora. ‘Sou uma pensadora’ – me dizia, espremendo os olhos atrás das lentes grossas”. E o tom mordaz continuava: “Era uma novidade para mim que achava que pensador no Brasil fosse só o Dr. Corção e o Nelson Barbante, que viveu lá no Céu da Boca, perto do Buraco Quente, em Mangueira”.⁴⁰

⁴⁰ Flávio Moreira da Costa “Como e porque sou e não sou feminista”. *O Pasquim*, n. 314, p. 14, 4 a 10 jul. 1975.

Em que pese o reiterado posicionamento contrário ao autoritarismo no âmbito da política institucional e de crítica dos costumes, afirmando sua oposição ao moralismo hipócrita dos segmentos médios, com relação às minorias, particularmente às mulheres que ousavam propor mudanças nas relações de gêneros, era implacável a mordacidade da maioria dos membros desse jornal. Até mesmo sobre uma líder divorcista, a senhora Marina Fidelino, assestam-se as armas de um de seus articulistas, algo inusitado num jornal visto como tão transgressor. Para começo de conversa, D. Marina pecava por ser “líder feminista”, “coisa que o coleguinha jornalista, deputado Nelson Carneiro, não é”, completava o autor da matéria.⁴¹

⁴¹ “Mulheres separadas”. *O Pasquim*, n. 14, p. 3, 25 set. a 1º out. 1969.

Os argumentos que D. Marina utilizou em uma entrevista a respeito da irregularidade do estado civil das pessoas que se separavam dá lugar a chacotas, até mesmo ofensivas no terreno pessoal:

Madame Fidelino não explica se é casada, solteira ou avulsa, mas, pelo jeito, tá sem marido, pois fala com tal conhecimento de causa das damas em disponibilidade conjugal, que a gente mora logo que no quarto dela tem uma vaga.

E a zombaria vai adiante, inclusive quanto a uma colocação contrária às decisões da Justiça com relação às mulheres abandonadas, das quais noventa por cento ficariam sem qualquer assistência financeira. E, ante o apelo de D. Marina para que as mulheres separadas formassem uma associação com vista à obtenção do divórcio legal, nosso articulista dá um remate apropriado ao tom da crônica como um todo:

- É da Sociedade das Mulheres Separadas?
- É sim senhor.
- Então me separa duas aí, pra Sábado.

Líder do movimento norte-americano National Organization of Women (Organização Nacional de Mulheres), em 1971 Betty Friedan veio ao Brasil a convite da Editora Vozes, para o lançamento de seu livro *A mística feminina*, lançado nos Estados Unidos em 1963. Nele, denuncia os males para as mulheres americanas do forte movimento, após a Segunda Guerra Mundial, através de diversos veículos, como o cinema, a publicidade e até os consultórios de muitos psicanalistas, para que elas abandonassem seu trabalho e regressassem aos seus lares. As mulheres, que durante a guerra foram conclamadas a suprir a demanda de mão-de-obra diante da convocação dos homens, eram agora estimuladas a transformar-se em prisioneiras de "um confortável campo de concentração", ou seja, ao cuidado exclusivo da casa, dos filhos e do marido. Friedan reivindica o reconhecimento das potencialidades femininas e a ampliação do campo de atuação das mulheres, devendo estas assumir ocupações, responsabilidades sociais e participação na vida política e econômica em igualdade de condições com os homens, não se restringindo a meras consumidoras de produtos industrializados. Igualmente, caberia a elas possuir poder de decisão, sobre seu próprio corpo e sobre seu futuro, especialmente no que diz respeito à maternidade, a qual não deveria ser encarada como um ônus, um pesado fardo a ser carregado pelas mulheres, mas como uma opção. Por outro lado, sua oposição também se estende à associação da mulher com a imagem de símbolo sexual, utilizada como instrumento nas propagandas, para divulgar produtos e auxiliar as vendas, e para a concepção da mulher como uma mercadoria, exposta em revistas como a americana *Playboy*.⁴² Tais transformações beneficiariam

⁴² "Betty Friedan está aqui, e o homem corre perigo". *Diário da Noite*, 16 abr. 1971. Edição Matutina, Primeiro Caderno, p. 10.

homens e mulheres que atuariam como companheiros, ultrapassando-se a rígida divisão de tarefas que atribui à mulher as atividades domésticas e o cuidado com as crianças, e ao homem o sustento da família, fazendo com que ambos compartilhassem os problemas, as alegrias, as responsabilidades e as ocupações.⁴³

⁴³ "Betty Friedan: nós não estamos contra os homens". *Correio da Manhã*, 14 abr. 1971. Primeiro Caderno, p. 5; "Betty Friedan: a mulher no poder". *Correio da Manhã*, 14 abr. 1971. Caderno Anexo, p. 1. Ver também Flávia Copio ESTEVES, 2002.

Foi exemplar a entrevista com a feminista realizada por *O Pasquim*, e os desdobramentos provocados por sua suposta feiúra... Ante a afirmação de Paulo Francis acerca do excessivo individualismo e da preocupação obsessiva de certas feministas americanas com problemas sexuais, Friedan sustenta uma posição contrária a respeito, acentuando a preocupação do feminismo não apenas com as questões específicas das mulheres. Ressalta sua estreita vinculação com os movimentos políticos de oposição ao domínio norte-americano sobre os demais povos, como com as lutas dos negros pelos seus direitos que ocorriam no momento nos Estados Unidos:

Minha definição da mulher, primeiro como uma pessoa, significa que eu devo me sentir responsável, como americana, e preocupada, como americana, com a repressão tanto dentro de meu próprio país como fora, no Camboja, Vietnam, etc, no sentido que esse país, o meu, está se tornando um poder do mal no mundo. Eu devo ter uma voz, não só no que afeta meu corpo como o aborto, etc., mas também no que diz respeito à guerra ou à paz, o problema das cidades, a opressão dos negros – pois todos esses problemas estão relacionados. Mas se eu não tiver essa voz? Como tantas mulheres que não se libertaram. Então, a energia, a raiva irão alimentar e ser usadas pelos fascistas.⁴⁴

⁴⁴ "Betty Friedan". *O Pasquim*, n. 94, 22 a 28 abr. 1971. Essa entrevista também foi publicada em *As grandes entrevistas do Pasquim* (JAGUAR, 1976, p. 72).

Destaque-se a sua lucidez em mostrar a correlação existente entre as mulheres que permanecem alheias à problemática do contexto em que vivem e o seu apoio à direita, fato que lhe faz merecer elogios de Paulo Francis, que lembra a célebre marcha de mulheres, que tomaram as ruas do país, apoiando o golpe militar de 1964: "As nossas malamadas que o digam. Lembra-se delas? Marchando, marchando, marchando, como sonâmbulas".⁴⁵

⁴⁵ Paulo Francis. "Francis X Friedan". *O Pasquim*, n. 94, p. 7, 22 a 28 abr. 1971.

Ainda em sua entrevista, diante da provocação de Millôr Fernandes de que o movimento das mulheres não teria um objetivo, Friedan replica, afirmando ser o feminismo parte integrante da contracultura, reiterando sua vinculação com o todo e representando a libertação de mulheres e homens:

O movimento da mulher é apenas uma parte do todo de uma grande revolução humana que está acontecendo no meu país. No atual estágio dessa

revolução a mulher é uma parte muito importante, mas ela não é um fim em si mesmo.

É uma parte integrante da contracultura. Em várias faculdades e uma universidade de absoluta maioria masculina em Berkeley, em todo lugar, tenho falado dessa questão de libertação, não só da mulher mas também do homem.⁴⁶

⁴⁶ JAGUAR, 1976, p. 74.

Mas o que ela falou não ecoou positivamente para o célebre entrevistador, já que o próprio Millôr, posteriormente, em fevereiro de 1972, frisa o seguinte: “o orgulho de ser considerado porco chauvinista, já que quem assim o julgou foi Betty Friedan em pessoa, e ela em pessoa é muito mal apessoada”. Ao que acrescentou, em 1974, em entrevista com Esther Vilar, que esta

ao contrario de Betty (“Fuck you! Fuck you!” me disse ela com toda simpatia em nossa entrevista há dois anos) não é de botar fora. Perto dos quarenta (ainda do lado de cá), loura, estatura mediana, tem um corpo razoável, um traseiro comedido – eta palavrinha precisa!⁴⁷

⁴⁷ Entrevista com Esther Vilar. “Os homens querem ser escravos das mulheres”. *O Pasquim*, n. 248, p. 5-7, 2 a 8 abr. 1974.

Mais uma vez, execra-se uma mulher, diante do maior defeito que poderia apresentar – e que defeito poderia ser pior que a feiúra física, questiona criticamente Françoise Parturier? Esta é a própria prova do erro, do desvio, da monstruosidade.⁴⁸

⁴⁸ PARTURIER, s/d, p. 20.

Por outro lado, continuava Millôr a vergastar as feministas brasileiras, publicando um *cartoon* na revista *Veja*, em fins de 1972, no qual mostrava as mulheres brasileiras suspensas por titeres cujos fios de controle estavam seguros pelas mãos de uma norte-americana. Esse fato provocou reação de duas brasileiras residentes em Nova York, a poetisa Rita Moreira e a cineasta Norma Bahia Pontes. Trabalhavam naquela cidade em uma emissora de televisão, produzindo reportagens sobre o comportamento de minorias étnicas e sociais. De férias no Rio de Janeiro, trouxeram pessoalmente à redação do semanário *Opinião* suas cartas de protesto, que foram publicadas em janeiro de 1973, na seção “Opinião dos Leitores”.

A carta de Rita Moreira criticava acerbamente o referido autor, buscando esclarecer que o movimento de mulheres no Brasil, na época, era diverso do feminismo norte-americano:

Millor Fernandes é nefasto porque encarna o patriarcalismo no que esse sistema tem de mais brutal. O que e o humorista diz acontecer em sua anedota antifeminista (brasileiras titeres de americanas) nunca ocorreu aqui. No Brasil ocorreram, isto sim, alguns congressos femininos. [...] O que existe na América e em outros centros desenvolvidos onde se permite a

⁴⁹ *Opinião*, n. 12, p. 22, 22 a 29 jan. 1973 (essa carta de Rita Moreira é citada em Annete GOLDBERG, 1987, p. 78). Lembre-se que o Centro da Mulher Brasileira, que formalmente seria a primeira organização de caráter feminista no Brasil, na época, foi fundado durante a realização da "Semana de Pesquisas sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira", realizado de 30 de junho a 6 de julho de 1975, na Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da ONU, em meio às comemorações do Ano Internacional da Mulher.

⁵⁰ Paulo Francis. "Francis X Friedan". *O Pasquim*, n. 94, p. 7, 22 a 28 abr. 1971.

*contradição é o feminismo, que não é congresso, mas movimento, com inúmeras facções e um ponto comum: a opressão da mulher*⁴⁹ (grifado pelo jornal)

Apesar da seriedade dos argumentos das feministas, estas continuaram como alvo de chacotas, esperando-se que não reagissem, ou o fizessem com *savoir faire*, como se depreende da observação de Paulo Francis, lembrando Betty Friedan:

Betty não sabe o que é humor. Confunde o dito com "piada". Humor é uma realidade crítica, e não uma chalaça. [...]. E humor, Betty, é ainda uma forma de sanidade mental. Pobre da cultura, do movimento que não sabe rir de si próprio. This way lies the firing squad.⁵⁰

Francis parece, também, querer que se interprete tais formas burlescas de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos como algo sem maiores conseqüências, visando apenas a divertir o público leitor. Na verdade, porém, percebe-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações em uma das modalidades de violência simbólica contra as mulheres. Isso, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como masculinizadas, pesadas como elefantes, perigosas, feias, bruxas... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente re-atualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo. Evidencia-se que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche, configura-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. "A história das mentalidades". In: GOFF, Jacques Le. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 153-176.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1987.
- BERGMAN-CARTORI, Janis. "Conduct Unbecoming: Daumier's and 'Les Bas-Bleus'." In: POWELL Kirsten; and CHILDS, Elizabeth C. *Femmes d'Esprit. Women in Daumier's Caricature*. Middlebury, Vermont: University Press of New England, 1990.
- COSTA, Suely Gomes. "Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 301-323, 2002.

- CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)". *Cadernos Pagu*, n. 4 (Fazendo história das mulheres), p. 37-47, 1995.
- DAUMIER, Honoré. *Intellectuelles (bas-bleus) et femmes socialistes*. Paris: Ed. Vilo-Paris, s/d.
- ESTEVES, Flávia Copio. *A visita de Betty Friedan ao Brasil: anos de contestação e movimento feminista*. Texto anexo ao Relatório de Pesquisa do CNPq, 2002. Mimeo.
- GOLDBERG, Annete. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LAQUEUR, Thomas. *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre en Occident*. Paris: Gallimard, 1990.
- LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *La Femme criminelle et la prostituée*. Paris: Alcan, 1896. Traduction de l'italien.
- JAGUAR (Editor geral). *As grandes entrevistas do Pasquim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.
- PARTURIER, Françoise. "Catalogue et notices de Jacqueline Armingeat". In: DAUMIER, Honoré. *Intellectuelles (bas-bleus) et femmes socialistes*. Paris: Ed. Vilo-Paris, s/d. Préface.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- PRADO, Rosane Manhães. "Um ideal de mulher: estudo dos romances de M. Dely". In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V.C.; HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. v. 2. p. 71-109.
- SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS, 2002.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.
- _____. "Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas". *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-29, 1997.
- ST. HILAIRE, Colette. "A dissolução das fronteiras do sexo". In: SWAIN, Tania Navarro (Org.). *Feminismos: teorias e perspectivas. Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UNB*, v. 8, n. 1/2. Brasília: UnB, 2000, p. 85-109.
- SWAIN, Tania Navarro (Org.). *Feminismos: teorias e perspectivas*. Brasília: UnB, 2000.
- VARIKAS, Eleni. "O pessoal é político: desventuras de uma promessa subversiva". *TEMPO – Revista do Departamento de História da UFF*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 2, n. 3, p. 59-80, 1997.
- _____. *Les antinomies de l'émancipation (juifs, mulâtres et femmes)*, s/d. Mimeo.
- WHITE, Hayden. "Teoria literária e escrita da história". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

[Recebido em setembro de 2005 e
aceito para publicação em novembro de 2005]

Mockery as a Conservative Instrument among Libertarians: Pasquim's Antifeminism

Abstract: *In the 1960s, amidst the counter-cultural revolution, women's rebellion emerged side by side with the struggle of North-American Blacks for civil rights and demonstrations against the Vietnam War. A new wave of Feminism broke out in the United States and in Europe, soon followed by a similar movement in Brazil. The women involved pointed to the separation between the public and the private, the personal and the political as a mystification, insisting that domination had a structural character, manifested in the relations of everyday life, and that such systematic character was obscured by the belief that it was the product of personal relations. At that time,*

Brazil was living under a military dictatorship, with some groups opposing such authoritarian regime and promoting cultural criticism. Mockery was their weapon, as especially illustrated by the members of the newspaper O Pasquim. Paradoxically, the mordacity of many of such writers was visited on women, those women who, fighting for their rights, assumed attitudes which broke with the traditional model of femininity and with established gender relations. They ridiculed militant women by means of labels such as masculine, ugly, bad-tempered, and even perverted and promiscuous, which generated a great response to their articles. We may infer from this attitude that there was a fear of loss of power in gender relations, which reveals a strong conservatism in men who otherwise were libertarians.

Key Words: *feminism, gender relations, personal/political, mockery, conservatism.*